

°AMULETO

1

O dia começou como qualquer outro. Me vesti, fumei dois cigarros e sentei em meu apartamento vazio, esperando o telefone tocar.

O tédio tomou conta. Havia um mês que não aparecia nenhum caso e o último fora de alguém procurando um gato perdido. Eu perdera horas escutando histórias sobre gangues de crianças que roubavam gatos para vender para fabricantes de roupas no oriente, de lanchonetes de Chineses com freezers abarrotados e até mesmo histórias ainda mais estranhas de adoração do demônio e rituais com sacrifícios de gatinhos. Eu ainda não achara o maldito gato.

Pelo menos a vista que a janela me proporcionava me mantinha distraído. Estudantes andavam pela Byres Road de mãos dadas, ignorando o mundo que os cercava. Velhos esfarrapados esperavam os pubs abrirem, senhoras de idade em pesados casacos de lã carregavam sacolas de compras pesadas demais para elas, e o velho Joe no andar de baixo continuava cantando “Just One Cornetto” a cada dez minutos com toda a força de seus pulmões. Às dez e meia eu atravessei o escritório, abri a gaveta da escrivaninha, tirei a garrafa de whisky e me preparei para a longa ladeira alcoólica que planejava descer até chegar a hora de dormir.

Mais um dia solitário no paraíso.



Uma hora depois eu vi o fim da minha bebida se aproximar. Me perguntava por quanto tempo eu seria capaz de fazê-la durar quando ouvi a batida na porta.

Ela era mais do que bonita, era incrível.

Era fácil de perceber aquele fato pelo jeito que a roupa lhe caía, pela forma como andava e por como o seu cabelo, negro como a noite, era tão cuidadosamente bagunçado. Tentei não olhar demais para as suas pernas enquanto ela atravessava o escritório, os saltos agulha batiam no piso de madeira enquanto ela andava na minha direção. E eu fiz um esforço, quase bem-sucedido, de parar de olhar para aquelas pernas.

— Adams? Derek Adams? — Perguntou com uma voz que soava ideal para ela.

Eu me levantei para apertar sua mão, percebendo o quão frias eram e o quão suadas as minhas de repente haviam ficado.

— Exato. Agência de Detetive Adams, ADA como sigla. Primeira na lista telefônica e primeira quando o assunto é prover serviço pessoal.

Estava me enrolando para falar. Fechei a boca, talvez daquela forma ela não me veria salivando. Eu a guiei até a cadeira gasta em frente à minha escrivaninha e sentei na minha própria cadeira esperando que, pelo menos dessa vez, eu conseguisse fingir aquele ar estudioso e frio que eu havia praticado em frente ao espelho.

— Você não é mais o primeiro na lista telefônica — Ela disse. — Eu já tentei “Abracadabra: Nós podemos fazer mágica”. Fica em um depósito em Maryhill. É um homenzinho em um escritório ainda mais precário do que esse aqui. Acho que o intimidei, ao que parece, pois ele recusou o serviço.

Ela sorriu para mim e imaginei que um dentista fora muito bem pago por toda aquela brancura impecável.

— Eu sei de quem fala. Jimmy Allen. Ele ficou bem chateado quando meu nome veio acima do dele.



— Talvez seja hora de vocês se chamarem “Aadvark Associação” — Ela disse rindo.

Algo morno e interessante se aninhou dentro da minha barriga.

— Não. Eu conseguiria mais incômodos do que casos.

Ela se aconchegou na cadeira, se fazendo confortável. Eu realmente esperava que ela pudesse ficar ali por um bom tempo.

— Então, o que posso fazer por você? — Perguntei.

Me recostei na cadeira e observei ela falar. Não era um serviço difícil de fazer.

— Fomos vítimas de um roubo duas noites atrás — ela começou. — Meu marido ainda não sabe, ele está fora do país. O ladrão sabia muito bem do quê estava atrás, levou apenas uma joia de valor. Uma joia de muito valor. Foi um presente de casamento do meu marido e tem um grande valor emocional, quero que você a recupere para mim.

A boca dela trabalhava de forma esplêndida, mas ela não me contara toda a verdade. Pude ver nos seus olhos enquanto ela falava.

Meu detector de mentiras mal contadas estava trabalhando acima do limite, mas era um pedido padrão; já havia feito esse tipo de serviço antes. Além do mais, ela podia mentir para mim o quanto quisesse. Não me importava.

— Você percebe o quão pequenas são as chances de recuperarmos essa joia? — Eu perguntei, tentando não olhar a extensão de coxa que se tornara visível quando ela se ajeitou na cadeira.

— Eu não acho que você terá muito trabalho com essa joia em particular. É uma peça bem distinta.

Ela procurou por algo na bolsa, que por si só pagaria muitos meses do meu aluguel, e retirou uma fotografia que me foi passada por cima da mesa. Eu peguei a foto e quase a deixei cair na mesma hora. De repente eu não queria mais nada a ver com aquele assunto, não queria aquela mulher no meu escritório e o whisky dentro da gaveta berrava para que eu o tirasse de lá.





Ela então sorriu para mim e dei mais uma olhada na foto.

Era um pingente diferente de tudo que já havia visto. Era composto por uma imagem presa em uma pesada corrente de ouro. Não havia nada na foto que servisse de parâmetro para dizer o tamanho, mas a peça parecia grande. Grande e feia. A imagem era de um animal, mas de nenhum que eu conhecia. As pernas eram felinas e listradas, como de um Tigre de Bengala, mas da cintura para cima era algo grotesco. Uma bolha disforme feita de pedra negra com longos tentáculos serpenteando para fora de uma protuberância esférica que poderia ser a cabeça.

— Belo presente de casamento — eu disse enquanto abaixava a foto. — Se fosse para mim, acho que ficaria bem feliz de tê-lo perdido.

Eu empurrei a foto para longe, virando a imagem para a mesa, e esfreguei os dedos na minha gravata. Mas eu não consegui me livrar da sensação de ter me sujado por encostar naquela coisa.

— Você não iria querer perdê-la se soubesse que vale meio milhão de libras. — Ela disse. Me joguei com força nos fundos da minha cadeira. — É muito antiga, uma antiguidade árabe, eu acho. Arthur gosta muito da peça e ele ficaria muito chateado se soubesse que foi roubada. É por isso que eu gostaria que você a achasse antes que ele retorne.

Eu ainda não estava recebendo toda a verdade, mas o cheiro do dinheiro chegava às minhas narinas e eu tinha aquele sonho de um grande caso na minha cabeça.

— Meu preço é de £250 por dia, mais os gastos. Exijo um adiantamento de dois dias. — Eu disse antes de desejar ter pedido mais quando ela concordou em um instante e puxou um talão de cheques da bolsa.

— Por favor, mantenha um controle desses gastos — ela disse enquanto me entregava o cheque. — Meu marido e eu gostamos de prestar atenção aos detalhes. — Ela sorriu de novo, como se aquela fosse uma piada particular.





— Possuo um sistema de controle de gastos bem atualizado. — Eu disse, mentindo e pensando na velha máquina de escrever no armário dos fundos. — Você terá as contas anotadas até o último centavo.

Ela olhou em volta e para o armário antes de olhar mais uma vez para mim.

— Tudo computadorizado, não é? — Ela disse, e dessa vez o sorriso foi com potência total. De alguma forma, ela sabia sobre a máquina de escrever. Podia ver nos olhos dela.

— Ah, sim. — Eu disse, cavando para mim mesmo uma cova ainda maior. — Tudo automatizado e conectado, comunicação direta com o meu contador e com o governo. Não há nada que aquela máquina não faça.

— E eu aposto que você não precisa trocar a fita da máquina mais do que duas vezes ao ano.

Eu deixei aquela passar, estava confuso o bastante sem adicionar mais uma camada de intriga. Além disso, leitura de mentes não era uma das minhas especialidades.

— Me conte mais sobre o roubo. — Tirei um cigarro do maço ao meu lado e ela aceitou um quando ofereci. Quando me inclinei para acender o cigarro dela eu pude sentir um pouco do seu perfume. Era forte, marcante e extremamente sexy. Tentei prestar atenção ao que ela falava.

— Como eu disse, aconteceu duas noites atrás. Eu tinha voltado do teatro logo após a meia-noite.

— Você estava sozinha?

— Sim.

— Que pena. — Eu disse antes que meu cérebro pudesse impedir a minha boca. Aquilo me conseguiu um outro sorriso, mas ela deu uns tapinhas na aliança na mão esquerda.

— Você quer saber sobre o roubo ou prefere ficar flertando comigo?

— Isso é um convite? — Eu disse, mas então me afundei de novo na minha cadeira. — Não, continue. Eu tenho uma regra contra misturar prazer e trabalho.





— Que pena. — Respondeu enquanto me dava um sorriso que derreteria uma geleira.

— Touché. Por favor, continue. — Tentei soltar um elegante anel de fumaça e terminei com ela no meu olho, passei o próximo minuto piscando para minha cliente. Pelo menos ela teve a boa vontade de não rir.

— Como disse, cheguei depois da meia-noite. Não percebi nada de errado inicialmente, mas acabei percebendo que a porta da cozinha tinha sido forçada. Olhei rapidamente pela casa e foi aí que percebi que o amuleto era a única coisa que tinha sumido.

— Você possui outros itens de valor?

— Ah, sim. Arthur é meio que um colecionador e possui muitas outras peças de valor igual ou maior.

— E o amuleto foi a única coisa levada?

Ela concordou.

Algo estava fora de lugar naquela história. Não era o roubo por encomenda, isso acontecia o tempo todo. Ela estava mentindo sobre alguma outra coisa e eu não consegui dizer o que era.

— E quanto à polícia?

— Eu preferiria lidar com isso de forma discreta. Se a polícia fosse envolvida Arthur acabaria sabendo e eu espero que você possa recuperar a peça sem esse tipo de barulho sobre o acontecido.

E lá estava a mentira! Estava nos olhos e nos cantos apertados da boca dela. A deixei sair impune por enquanto. O meu palpite era que o marido já sabia, mas que havia algo extremamente suspeito sobre o amuleto que tornava o envolvimento da polícia inconveniente.

— O item era assegurado? — Ela balançou a cabeça, fortalecendo o meu pressentimento.

— Bom, como já falei, não quero lhe deixar com muita esperança. Vou dar as minhas voltas e fazer umas perguntas. E talvez eu visite a sua casa em





algum momento. Mas você deveria começar a preparar as suas desculpas para o seu marido, podemos nunca encontrar a joia.

— Apenas dê o melhor de si, Sr. Adams. Quem sabe? A joia pode estar exposta em alguma loja de antiguidades de renome agora mesmo, apenas esperando que você passe na frente e a veja.

A forma como ela disse aquilo foi como se deixasse uma pista, me dando uma dica. Mas quando a olhei nos olhos tudo o que vi foi um pequeno sorriso.

— Ok. Vou começar imediatamente. Você tem algum número com o qual possa falar com você?

Ela levantou e pôs um cartão de negócios ao lado da foto e do meu cheque de adiantamento. Com um último sorriso ela foi embora, levando boa parte, mas não tudo, de seu perfume. Eu percebi que não sabia seu nome.

O cartão não me deu nenhuma dica, dizia “A&F Dunlop, Negociadores de Antiguidades” e um endereço em uma área elegante no subúrbio. Imaginei que “A” fosse de Arthur, o marido, mas “F”, “F” poderia ser qualquer nome. Resolvi perguntar da próxima vez que falasse com ela.

Eu resisti à vontade de brincar com o cheque e o coloquei em minha carteira, ao lado de uma solitária nota de dez libras. A fotografia foi parar dentro do bolso da minha jaqueta e fui trabalhar pela primeira vez em um mês.



O Velho Joe na tabacaria da esquina já tinha minhas duas caixas de Marlboro prontas para me entregar antes mesmo que eu chegasse no balcão.

— Eu vi a sua visita agora de manhã. — Ele disse para mim como uma forma de oi.

— Aye¹. Ela vai me manter no vício por um bom tempo.

¹ Expressão irlandesa que significa sim.





— Ela poderia me manter o quanto quisesse. Que mulherão, não é? Eu não sei o quê ela queria, mas eu sei do quê ela precisa. — O velho disse, fazendo um gesto obsceno com o polegar e o dedo indicador.

— Você deveria se envergonhar. — Eu disse, mas ri assim mesmo. — Um homem da sua idade.

— Ah, mas ainda existe grafite nesse lápis velho. E quando eu tiro os meus dentes, ainda posso dar uma boa lambida.

— Para com isso, seu velho nojento.

Ele ficou sacudindo a parte da cima da dentadura até que eu risse novamente.

— Mas falando sério, agora. — Recomeçou. — Eu já a vi antes em algum lugar. Só não consigo lembrar onde foi.

— Bom, se você lembrar, me avise. Ele me cobrou quase trinta centavos a mais do que dois dias antes pelos meus cigarros. Aquilo fora o bastante para me fazer pensar de novo em desistir. Mas a minha nova cliente fumava e eu queria parecer sociável para ela, não queria? Acendi um novo cigarro do maço antigo e saí da loja para atravessar a Byres Road.

Minha primeira parada foi a Universidade de Gasglow. Não precisei ir muito longe. Uma caminhada de cinco minutos e vinte anos de lembranças. As construções góticas ainda assomavam de forma ameaçadora acima de mim, do mesmo jeito que fizeram por tantos anos e, talvez pela milésima vez, me perguntei se havia tomado a decisão certa ao dar as costas para tudo aquilo.

Então, ao descer os corredores escuros e melancólicos e seguir por escadas até os andares subterrâneos onde um dos mais inteligentes dos meus contemporâneos trabalhava, eu percebi, talvez pela milésima vez, o motivo de tê-lo feito.

Doug Lang e eu nos conhecíamos de muito tempo atrás. Fomos parceiros de bebida quando estávamos na faculdade e mantivemos o contato mesmo depois que eu abandonara os estudos.





— Ainda peneirando escombros? — Eu disse enquanto empurrava a porta do seu escritório apertado e sem janelas.

A aparência do homem era a mesma de todos esses anos: o cabelo bagunçado, os óculos de John Lennon e o cardigã mal ajustado. Tudo parte da sua aura de professor excêntrico. Mas por baixo daquilo tudo estava uma das mentes mais afiadas e curiosas que eu conhecia. E, o melhor de tudo, ele era um arqueólogo.

— Um dia alguém como eu irá procurar em alguns escombros e achará o que sobrou de você lá. Não seria isso muito interessante?

— De fato seria — respondi. — Eu já tenho confirmado que serei cremado.

Ele riu e foi como se os anos tivessem simplesmente caído dele.

— É bom te ver. Veio me levar para beber?

— Temo que não. Dessa vez eu vim a negócios.

Suas sobranças quase subiram acima da linha do cabelo quando o mostrei a foto, ele ficara visivelmente animado.

— O Amuleto Johnson. — Ele sussurrou e achei que iria babar em cima da foto.

— Você conhece?

— Ah sim, conheço. — Ele respondeu enquanto trocava para o que eu chamava de sua “voz de professor”.

— Foi encontrado em Ur mais ou menos perto da virada do século passado e foi trazido para o país por James Johnson, um magnata de embarcações da época. Possui uma longa história, algo relacionado com adoração ao diabo ou magia negra, antigos feiticeiros árabes imortais, ou seja, bobagens. Causou um bom rebuliço nos anos vinte, houve algum tipo de escândalo e Johnson morreu em circunstâncias suspeitas. O amuleto não estava entre as suas posses e não tem sido visto desde então.

Um olhar de predador surgiu em seus olhos.

— Onde você conseguiu essa foto? — Perguntou.



— De um cliente. Fui contratado para achá-lo.

Ele riu.

— Pessoas mais qualificadas que você já tentaram. — Zombou.

— Vale muito? — Perguntei esperando que conseguiria expôr umas das mentiras da Sra. Dunlop, mas fui desapontado.

— É de valor incalculável. — Doug respondeu, dessa vez eu acredito que ele de fato tenha babado. — Arqueólogos do mundo inteiro cortariam fora pedaços dos próprios corpos só para terem uma chance de olhar para ele. Eu suponho que se algum dia viesse a leilão acabaria valendo, vamos dizer, alguns milhões. Mas, como eu disse, está perdido há mais ou menos oitenta anos. Algum colecionador rico provavelmente senta em frente ao amuleto e o admira durante as longas noites de inverno.

— Não pode estar perdido há tanto tempo. Essa foto é muito mais recente que isso. — Afirmei.

Eu observei a animação crescer nos olhos de Doug. Era hora de ir embora, ele estava chegando perto de entrar na sua fase de cachorrinho sem dono e eu acabaria com ele me seguindo para todos os lados se não tivesse cuidado.

— Se eu o achar, deixo você acariciar a peça um pouco antes de devolvê-lo.

— Ah, qual é, Derek. Me deixa te acompanhar nesse caso.

— De jeito nenhum. Lembra da última vez?

Doug havia me enchido o saco por meses sobre “solucionar” um caso comigo. Eu fui idiota o suficiente para deixar que me acompanhasse em um caso onde eu precisava encontrar um adolescente desaparecido. Quando achamos a criança no jardim da casa de veraneio dos pais ele teve a boa vontade de vomitar em cima do corpo.

— Aquilo foi diferente. — Ele disse, implorando. — Agora estamos na minha área.

— Isso eu admito, mas não quero você do meu lado andando nas ruas. As pessoas vão achar que estou fazendo caridade.



— Golpe baixo, Derek. E pare de mudar de assunto.

— Não estou mudando de assunto. Estou com um mau pressentimento sobre esse caso e você será mais útil aqui, com o seu conhecimento na área. Além do mais, a Universidade te paga para que você faça as suas coisas aqui dentro e não lá fora.

Aquilo foi o bastante para que ele desistisse da ideia, eu sabia que ele não continuaria se eu apelasse para o seu senso de dever. Eu virei para a porta, mas ele me parou.

— Espere. Você precisará de mais informação sobre o amuleto. Tenho um livro sobre isso em algum lugar por aqui.

Eu ri e ele me acompanhou. Era uma velha piada nossa, haviam poucos assuntos sob esse sol sobre os quais Doug não tinha um livro, mas a bagunça era imensa. A não ser que algum dia ele decidisse casar com uma bibliotecária, as chances dele achar o livro que queria eram ínfimas.

— Não. Eu sei onde esse está. — Ele começou a escavar uma pilha de livros atrás da própria escrivaninha até achar um livro pequeno, empoeirado e com capa de couro. — “Em Ur com um Filantropo.” — Ele leu o título escrito na lombada. — Por George Dunlop.

Eu quase deixei a foto cair com a menção daquele nome, mas consegui esconder a minha surpresa enquanto a colocava na minha carteira. Doug, que não percebeu nada, continuou.

— Dunlop era bem conhecido por aqui. — Ele foi Professor de Antiguidades na Universidade. Fez um trabalho muito bom na Turquia antes de Ur. O livro explica um pouco de como o amuleto foi encontrado, mas é só mais daquele papo de feitiçaria e bruxaria. O velho Dunlop tomou muito sol na cabeça quando estava no deserto, pelo jeito, mas, pelo menos, você saberá mais sobre o quê está procurando.

Decidi levar o livro comigo. Coube apertado no bolso da minha jaqueta, o peso que fez na roupa me assegurou que eu havia ao menos achado uma





linha de partida para o caso. Agradei a Doug e o deixei com a minha promessa de que seria o primeiro a olhar o pingente.



Refiz os meus passos de volta para o mundo real. Estava chovendo novamente, uma chuva pesada, forte e penetrante que forçou seu caminho através do meu casaco e calça.

Quando cheguei no banco já estava ensopado, mesmo que tivesse andado menos de quatrocentos metros. O caixa sorriu para mim quando fiz o meu depósito, duas coisas raras de acontecer.

Ao sair do banco, constatei que a chuva ainda caía com força, quase vertical, tamanho o peso das gotas. Senhorinhas lutavam contra o vento, seus guarda-chuvas empunhados em posições letais. Um casal de adolescentes passou vestindo apenas camisas finas e calças leves. Achavam que estavam parecendo durões, mas a miséria estampada nos olhos me fez querer rir da cara deles.

O Tennant's Bar acenava para mim enquanto eu passava por ele. Eu sabia que ainda teria que andar muito para avançar esse caso, mas a ideia de continuar a pé naquele tempo não era muito atraente. A vontade por uma cerveja ou duas cresceu na minha cabeça, mas eu sabia que esse era um caminho que me guiaria à inconsciência. Fora isso, Doug tinha razão, eu precisava saber mais sobre o pingente.

Voltei para o apartamento.

Eu moro no primeiro andar de um prédio de estilo Vitoriano, com lojas nos andares de baixo e estudantes nos andares de cima. Tenho minha própria escada privativa com uma porta com trava de segurança no térreo. Durante o dia eu costumo deixar a porta de baixo fechada e destrancada, mas conforme me aproximava dela eu percebi que estava semiaberta. Era em horas como aquela que eu gostaria de viver em outro lugar, um lugar mais calmo, onde





eu não corria o risco de me encontrar com ladrões, viciados ou simplesmente bêbados.

Não havia ninguém nas escadas, no entanto, apenas um leve e fraco cheiro rançoso que não consegui identificar e que sumiu assim que subi as escadas.

Meu escritório, ou melhor dizendo, o lugar onde eu recebia os meus clientes, é um grande corredor no topo das escadas. O meu apartamento de fato ficava em uma porta à esquerda e o meu banheiro, à direita.

De móveis haviam apenas duas cadeiras grandes e uma escrivaninha, todas localizadas no meio do grande espaço, dando ao local um ar ameaçador. Como se tivessem sido pensadas por Kafka. Na tentativa de tornar tudo mais convidativo eu havia posto alguns vasos grandes com plantas, mas elas estavam começando a morrer, suas folhas amareladas circulavam o vaso no chão de madeira. E não pela primeira vez eu fiz uma nota mental de que deveria contratar uma diarista, uma diarista barata.

Dez minutos depois eu fui para o apartamento. Já havia trancado a porta no térreo e logo estava sentado na minha poltrona, com cigarros e cerveja ao alcance das mãos. Não demorou muito para que eu me perdesse no mundo ensolarado de Dunlop, com o deserto e o calor escaldante. Em algum ponto eu comecei a dormir, mas a história continuou se desenrolando para mim mesmo assim.



Já estávamos há quase dois meses no deserto quando as coisas começaram a avançar. Johnson estava cada vez mais descontente com a nossa falta de progresso.

— Você me prometeu descobertas. — Ele me disse. — Maravilhas que rivalizariam com Tutancâmon ou Tróia, você disse. E o que nós conseguimos? Potes de argila e tábuas cheias de borrões que não fazem sentido.

— Mas estamos cada vez mais perto. — Eu falei para ele, talvez pela



quinta vez naquela semana. — Esses “borrões que não fazem sentido” são, na verdade, inventários, uma lista de tesouros enterrados com os reis sacerdotes.

— Você já me disse isso. — Johnson respondeu. — Mas onde estão as tumbas? Onde estão os seus preciosos reis sacerdotes? Quando você me mostrará algo que não seja argila?

Não consegui respondê-lo. As tábuas falavam de grandes riquezas, mas eu precisava era de um mapa. E sem um, estávamos escavando às cegas. As tábuas e os outros artefatos me diziam que estávamos na área correta, mas ainda poderia demorar meses antes que achássemos algo de valor, imagine então as tumbas dos reis sacerdotes.

Não era aquilo que Johnson queria ouvir.

— Quando te perguntei em Glasgow qual era a região mais provável para fazermos a descoberta, você me disse que era aqui. — Seus olhos azuis estavam arregalados e eu temi que ele pudesse pifar a qualquer momento. — Será que eu errei em pôr a minha fé sobre você?

— Não. É apenas que essas coisas levam tempo, cada nível deve ser catalogado e descrito antes de seguirmos em frente.

— Por que? — Dessa vez Johnson berrou. — Traga a merda da dinamite e nós explodimos essa duna de uma vez.

— Não podemos fazer isso. — Foi a minha vez de berrar. — Pense na Arqueologia.

— Pro inferno com a Arqueologia. — Johnson disse e, levantando uma das tábuas de argila da escrivadinha, a despedaçou contra a minha cadeira. — Eu preciso de resultados. E preciso deles agora.

Ele saiu furioso da tenda, me deixando sozinho juntando do chão os fragmentos da tábua. Por sorte a peça quebrara em apenas duas partes e seria fácil juntá-las novamente. Agora, conciliar as exigências de Johnson com as necessidades da ciência era um problema bem diferente. Eu o havia escolhido inteiramente por

causa do dinheiro que seria capaz de fornecer para a escavação. Seria grosseria minha começar a reclamar agora.

Aquela escavação fora um sonho que nutri por mais anos do que posso lembrar. Schliemann achou Tróia, Carter tinha o Egito para si. Eu teria Ur, muito mais no começo dos tempos que os outros dois, o verdadeiro berço da civilização. Por anos procurei por um patrocinador, passei por inúmeras academias, dei palestras na Royal Society, até mesmo falei com grupos de mulheres. Mas nada me deu resultados.

Até que uma noite eu estava em uma festa em Kelvinside. Fui apresentado a um homem com olhos flamejantes e muito dinheiro, Johnson tinha o mesmo entusiasmo que eu. Mas ele queria sarcófagos de ouro, máscaras fúnebres, estátuas... Ele queria superar Carter. Quanto a mim mesmo, eu queria ver os reis sacerdotes, tocá-los e saber que existiram. Queria saber como eles viveram, aquelas pessoas que definiram o começo da civilização.

Voltei a tentar traduzir as tábuas nas quais estava trabalhando quando Johnson invadiu a minha tenda. Para ser honesto, estava quase tão frustrado quanto o meu patrocinador. Aquela estava sendo a escavação mais quente, cheia de poeira e sem recompensas da qual tinha o desprazer de administrar. Até mesmo Cartago não fora tão ruim, mas não havia outra opção além de continuar tentando, continuar catalogando. O método científico e a arqueologia exigiam que eu continuasse, mas isso não significava que eu não estava rezando toda noite por uma grande descoberta.

Mas não foi naquela noite. As tábuas do dia falavam de grãos, vinho e colmeias de abelhas. Tudo muito interessante, mas nada que agradaria Johnson. Me arrastei para a minha cama e rezei uma vez mais por uma descoberta.

O dia seguinte acordou quente e empoeirado, exatamente como os outros sessenta dias anteriores. Tomei um café da manhã composto pelo pão duro e seco da região e um chá morno antes de seguir até a escavação para fiscalizar o progresso.

Já havíamos escavado mais de quinze metros em um dos lados da duna e a quantidade de madeira que precisávamos para impedir que caísse nas

nossas cabeças crescia cada vez mais. Gastei a primeira hora supervisionando a próxima camada de sarrafo antes de descer até o piso da escavação. O jovem Campbell havia achado outro lote de tábuas e achava que aquelas eram promissoras. O fato dele ter dito o mesmo das últimas três pilhas de tábuas não pareceu diminuir o seu entusiasmo. Me ajoelhei ao seu lado e o ajudei a limpar a área. Me perdi na monotonia da tarefa e só vi que o tempo passara quando o sol ficou alto o bastante para jogar as nossas sombras escuras no chão logo abaixo de nós.

Eu pus a mão sobre o ombro do jovem Campbell.

— Venha, lad². Hora de fazer uma pausa e beber um pouco de água.

E foi então que aconteceu, o fato que mudaria a escavação e a minha vida, para sempre.

Tínhamos acabado de sair da duna quando uma nova sombra caiu sobre nós. Olhei para cima, piscando contra o sol, e vi alguém andando sobre a duna na nossa direção.

A primeira vista tudo o que vi foi uma sombra sem forma, como se fosse uma grande água-viva, e acredito que eu tenha de fato dado um passo para trás quando um calafrio percorreu o meu corpo. Mas o jovem Campbell estava ao meu lado e até que eu retomasse a compostura a figura já havia saído da frente do sol, pude ver que era um velho árabe, suas vestes esvoaçando a sua volta.

Conforme ele chegou perto, fui capaz de perceber que não era apenas velho, era um ancião. Sua pele era enrugada e manchada como a casca de uma velha árvore, seu cabelo saía em tufo grisalhos da cabeça coberta de manchas. Mas os olhos eram azuis, claros e fortes, e quando ele falava sua voz era poderosa, e o seu Inglês era impecável.

— Estou procurando o Sr. Johnson. — Ele disse, como de tivesse nos encontrado no meio da rua, na cidade. — Vocês poderiam fazer a gentileza de me dizer onde ele está?

² Expressão irlandesa que significa jovem.

— *Eu sou Johnson.* — *Disse uma voz à minha esquerda. Virei e enxerguei o meu patrocinador. Era óbvio que o homem passara a noite bebendo, os olhos estavam avermelhados e encrustados fundo abaixo das sobrancelhas. Seu cabelo, geralmente penteado impecavelmente, se espalhava em vários ângulos diferentes. A pele estava com um tom cinza nada saudável, mas o velho árabe não pareceu se abalar.*

— *Sr. Johnson,* — *disse o velho — é um prazer conhecê-lo. Eu acredito que possuo algumas informações para você que se provarão como sendo de nosso mútuo benefício.*

Johnson olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, eu apenas dei de ombros. Não fazia ideia da onde aquele homem havia vindo.

O árabe viu a hesitação. Ele pôs a mão dentro das vestes e puxou uma garrafa.

— *Tenho um conhaque de qualidade comigo, o sol está alto e a sua tenda será um local mais agradável do que aqui fora. E eu lhe prometo, tenho uma oferta que irá curar todos os seus problemas.*

A última frase foi direcionada diretamente para Johnson e pude ver algo brilhar nos olhos daquele homem enorme. Algo que parecia esperança.

O árabe tomou Johnson pelo braço e o guiou direto para a cabana correta. Foi nesse momento que as minhas suspeitas surgiram pela primeira vez.

O jovem Campbell olhou para mim e, novamente, dei de ombros.

— *A última coisa que ele precisa é de mais bebida,* — *eu disse — mas se isso o deixar longe de mim com sua cobrança, então que beba. E, falando de bebida, preciso de água.*

Dez minutos depois estávamos de volta à escavação. Johnson ainda não havia voltado da sua barraca e ainda não havia sinal dele três horas depois, quando eu e Campbell decidimos parar pelo dia.

Demorou até perto do pôr do sol para que eu o visse novamente. Estava no meu segundo cigarro e terceiro copo de gin. A temperatura estava começando a cair, as moscas haviam parado de voar e eu havia trocado de roupa e vestia

um conjunto limpo de roupas brancas. A vida, por um momento, era quase suportável. Foi então que Johnson passou na frente da minha cabana.

Ele andava com o ar de um homem absorto em seus próprios pensamentos, teria continuado andando se eu não tivesse chamado por ele. Os cabelos estavam de volta à sua glória, impecavelmente penteados, e seus olhos estavam mais uma vez limpos. Seja lá no quê ele passara a tarde ocupado, eu duvidei que qualquer quantidade de álcool estivesse envolvida.

— Ah, olá, Dunlop! — Disse o homem, como se estivesse surpreso por eu estar na minha própria tenda. — Estava apenas respirando um pouco de ar fresco.

O convidei para dentro da minha barraca e o ofereci uma bebida e um cigarro. Ele aceitou o cigarro, mas recusou o gin.

— Receio ter exagerado ontem à noite. — Disse, timidamente. — Tentei afogar as mágoas, mas apenas as levei para nadar.

Eu gargalhei, mas seus olhos continuaram sérios.

— E quanto àquele árabe velho? Ele te deu alguma coisa?

Pude perceber que ele demorou um tempo pensando sobre a resposta.

— Não. Era apenas outro aproveitador do deserto tentando arrancar dinheiro de estrangeiros ricos — afirmou, mas não era um bom mentiroso. — E não se preocupe quanto à discussão de ontem à noite, tenho certeza que as descobertas virão logo.

Ele se virou e saiu. Fui atrás do jovem Campbell.

O lad estava na própria tenda, ainda debruçado sobre algumas das tábuas do dia.

— Acredito que estamos muito próximos — ele falou, assim que entrei. — Essa tábua enumera os servos enterrados juntos com o grande rei e detalha suas famílias e posses.

Aquela era uma ótima notícia, mas o comportamento de Johnson me preocupava.

— Deixe isso de lado por um minuto. Quero que você vá checar os explosivos.

— *Johnson, não é? Ele tem falado de pouca coisa além disso nos últimos dias. Eu concordei com a cabeça.*

— *Ele saberá que eu suspeito de algo se me vir perto da dinamite. Certifique-se que os explosivos estão longe de perigo e volte direto para cá. Terei uma longa conversa com ele de manhã. Podemos até precisar do dinheiro dele, mas não precisamos tanto assim.*

Campbell bateu continência de forma jocosa para mim e saiu.

Enquanto ele estava fora, eu chequei as tábuas em que trabalhava. O lad estava certo. Aquilo era prova suficiente de que estávamos nas redondezas de um importante sepulcro. Senti minha pulsação aumentar um pouco enquanto lia o documento.

E foi quando a explosão rasgou o silêncio da noite. Quase caí com o choque e já estava seguindo o meu caminho até a escavação quando o zunido deixou os meus ouvidos.

Encontrei Campbell no chão próximo ao local onde havíamos trabalhado o dia todo. Ele carregava uma lanterna a óleo que quase se apagou quando puxei da sua mão. Havia um hematoma do tamanho de um ovo logo acima da orelha dele, mas o rapaz tinha a respiração normal, apesar de estar frio.

Dentro da escavação, areia e poeira começavam a assentar. Podia ver que a explosão abrira um buraco no local, uma escuridão profunda que se esticava até as profundezas da duna.

Fiquei dividido entre ajudar o pobre lad caído e seguir Johnson. Eu decidi ficar com Campbell quando o mesmo tremeu as pálpebras e olhou para mim. Ele agarrou meu braço com força.

— *Você precisa detê-lo. Ele vai destruir tudo. — Sua voz estava rouca.*

Ele tentou levantar, mas a tontura o fez cair de joelhos. O rapaz me empurrou para longe dele.

— *Vá, e por favor o impeça. Eu ficarei bem.*

Não precisei de mais incentivo que aquilo, segui pelo caminho que descia a duna.



A minha lanterna quase não era eficaz o suficiente para atravessar a poeira que ainda flutuava na minha frente, mas eu conseguia enxergar dois pares de pegadas no chão da passagem. Agachado e segurando a lanterna perto do chão, fui capaz de segui-los.

Após quase dez metros a poeira no ar era menos densa. Consegui perceber que as paredes dos meus lados não eram mais de areia compactada, eram blocos de pedras. Nós havíamos chegado tão perto.

Parte de mim queria demorar ali, queria inspecionar todas aquelas imagens que revestiam as paredes, mas o som de música sendo entoada mais abaixo me forçou a continuar descendo. O ar ficou mais frio e muito mais parado e mofado. Mesmo assim a entoação ficou mais forte. Um calafrio percorreu a minha espinha, mas eu não acredito que tenha sido devido ao frio.



Acordei assustado, derrubando o meu cinzeiro por sobre o tapete. Acabara de passar das onze da noite e o ambiente se encontrava na mais profunda escuridão. Eu me levantei da cadeira e abaixei-me para pegar o cinzeiro. Foi então que o chão barulhento do meu quarto grunhiu quando alguém pisou nele.

Fiquei parado, mas o barulho não se repetiu. Andei até a porta e pus a minha mão na maçaneta... No momento em que ela foi girada pelo outro lado.

Eu parei e prendi a respiração.

Escutei uma entoação distante. Um zumbido longínquo que fez meu corpo tremer como se eu estivesse perto demais de uma caixa de som em um show. A maçaneta de cobre esfriou na minha mão e quando finalmente conseguiu respirar, névoa se formou no ar a minha volta.

BAM! Algo pesado bateu contra a porta e bateu outra vez, sacudindo a madeira dos seus encaixes.





— Eu chamei a polícia. — Gritei, percebendo na hora o quão idiota aquilo soou.

A porta sacudiu mais uma vez.

Tudo ficou silencioso.

A maçaneta esquentou e eu soube, não sei como, que a sala do outro lado estava vazia. Virei a maçaneta e atravessei a porta.

Quase vomitei com o fedor. Meu nariz me disse que algo morrerá ali, há algum tempo, mas quando cheguei à janela o cheiro já havia se dissipado.

Uma rápida olhada na sala me disse o que eu já sabia, estava vazia. Eu tentei abrir a janela e descobri que estava trancada por dentro. Não soube dizer se fiquei feliz com isso ou não. Depois de abri-la, fiquei de frente para a janela aberta e respirei ar fresco até o meu coração desacelerar.

Até chegar de volta à sala de estar, eu já estava quase convencido de que a experiência havia sido um sonho derivado da minha leitura noturna.

Quase, mas não o bastante para voltar para o quarto.

Enchi um copo com whisky, acendi um cigarro e voltei para a história de Dunlop. No começo eu mantinha uma orelha atento a qualquer barulho, quando o alarme de um carro disparou eu quase pulei uns trinta centímetros no ar. Mas a história me chamou a atenção e não demorou muito até que eu fosse carregado para longe uma vez mais.



A música ficou mais alta e parte de mim quis virar e fugir, voltar para a minha barraca e o meu gim, mas a ideia do que poderia estar me esperando, do dano que Johnson teria causado antes que pudéssemos ter catalogado tudo, me fez seguir em frente. Fiz uma curva e me encontrei de frente com um pesadelo.

Um sarcófago fora jogado ao chão, seu conteúdo espalhado e estilhaçado ao longo de todo o espaço. Eu grunhi quando vi os ossos jogados com restos de roupas e ornamentos, um artefato de valor inestimável já havia sido destruído.





Johnson estava de joelhos, segurando algo pequeno e sem forma na sua frente, como se suplicasse. O velho árabe se erguia por cima dele, os braços abertos enquanto ele cantava e fazia sua voz ecoar pela câmara.

Ecos e sombras corriam nas paredes com vontade própria. Estátuas de grandes serpentes se contorciam em uma grotesca imitação de vida. Eu senti que se desviasse os olhos apenas uma vez, coisas sombrias pulariam sobre mim e me devorariam.

A entoação ficou estridente e mais grave. O objeto nas mãos de Johnson começou a brilhar, no início de forma fraca, como se fosse um vaga-lume. A luz então explodiu entre os seus dedos, brilhou tanto que pude ver os ossos através de sua carne. A luz cresceu em intensidade até que o brilho verde doentio se tornasse mais forte que a luz da minha lanterna. Aquele brilho maligno preencheu a sala.

O árabe pegou o objeto das mãos de Johnson, pude ver que era um amuleto, uma figura pendurada em uma pesada corrente dourada. O velho passou a corrente por cima da cabeça, deixando o amuleto sobre o peito. Levantou os braços uma vez mais. Ele berrou apenas uma palavra e o ar pareceu escurecer ao seu redor. Por um segundo a impressão foi de que ele crescera e esticara. Serpentes pareciam se contorcer nas sombras criadas ao seu redor, mas quando ele desceu os braços, era apenas um árabe velho.

Ele olhou a sala e sorriu, sua expressão era de triunfo. Ainda sorrindo, acenou com a cabeça e devolveu o amuleto para Johnson. Quando ele esbarrou em mim, no seu caminho para fora, a minha pele se arrepiou ao toque como se tivesse encostado na encarnação do mal. Ele se resumiu a me direcionar um sorriso por entre os dentes cerrados, um sorriso que nunca alcançou seus olhos.

— Bom, Dunlop, temos o nosso tesouro. — Disse Johnson.

Eu lutei contra a vontade de socar o homem e corri até os restos do sarcófago. Havia muito o que preservar antes do ar do deserto fazer o seu efeito.



O telefone tocou e eu pulei. O livro caiu no chão e encharquei a minha perna esquerda com whisky derramado.

Era a minha cliente.

— Sra. Dunlop. Há lago de errado? — Perguntei.

— Estava me perguntando se você fez algum avanço.

Dessa vez eu não precisei olhá-la nos olhos, eu ouvi a mentira. Ela queria me perguntar algo totalmente diferente, além do que, meus clientes não tinham o hábito de me ligar depois da meia-noite. Comecei a prestar mais atenção. Aquele caso possuía camadas que eu nem imaginava.

— Estou fazendo uma pesquisa mais profunda. Amanhã saberei mais.

— E está tudo em ordem? Nada fora do comum?

Estranhamente, pensei na máquina de escrever no meu escritório. Ela, de algum modo, sabia daquilo.

Ela sabia algo sobre a presença que eu sentira no meu quarto?

— Não, — eu disse, mas uma ideia me acertou — mas se algum feiticeiro árabe ancião aparecer, eu te aviso.

Fui capaz de ouvi-la prendendo a respiração do outro lado da linha.

— Tome muito cuidado, Sr. Adams. Faremos o que for possível para ajudá-lo, mas nós dependemos do senhor para achar o amuleto.

— Nós... Você e o Sr. Dunlop?

Ela limpou a garganta.

— Sim, Arthur está aqui. Não pude mentir para ele, contei tudo sobre o roubo.

Outra mentira. Ela as estava acumulando.

— Amanhã eu ligo para você.

— Estarei esperando. — Ela disse, logo antes de desligar na minha casa.

Depois daquela conversa, não senti mais vontade de continuar lendo. Liguei a televisão e assisti a uma velha série médica enquanto fumava cigarros, bebia whisky e tentava não pensar na Sra. Dunlop. Depois de algum tempo, a



choradeira e o drama que saíam da televisão me forçaram a levantar e desligá-la. Me levantei e fui até a janela, fiquei ali observando as gotas de chuva seguirem seus caminhos pelo vidro sem prestar atenção na vida noturna da cidade além.



Eu já quase tive uma vida. Foi na época em que estava conhecendo Doug, e Liz ainda estava viva.

Eu estudava Química Orgânica e Biologia Molecular com a intenção de me especializar em bioquímica de células cancerosas. Eu conseguia me virar nos estudos e me divertir bastante durante todo o trabalho envolvido. Liz e eu nos conhecemos no verão anterior... Uma daquelas paixões explosivas que nos uniu na hora. Em uma semana já morávamos juntos e nos tornamos inseparáveis desde então. Nós estudávamos juntos, discutíamos as matérias juntos e festejávamos juntos.

Tudo aquilo mudou no meu terceiro ano de faculdade. Apesar de casamento nunca ter sido cogitado, éramos praticamente casados e a minha cama estava presenciando bastante ação. A noite que mudou a minha vida, 30 de janeiro, começou como muitas outras. Doug e eu saímos de mais uma aula de química tediosa e tomamos algumas cervejas na União Estudantil. Eu estava bem embriagado quando voltei para o apartamento e isso era sempre uma receita para o desastre.

Ela queria conversar, eu não queria ouvir e a discussão acalorada terminou como geralmente terminava... Eu bati a porta atrás de mim quando saí de volta para o bar.

Me envolvi em uma competição de dardos contra um time da Universidade de Edimburgo, estava me divertindo, apesar de ser tão ruim que acabei comprando a maioria das rodadas de cerveja. Em algum ponto da noite o barman me chamou e me ofereceu o telefone.

— É a sua namorada. Ela disse que precisa de você agora.





A bebida falou no meu lugar.

— Diga para ela que o quê ela precisa é de um psiquiatra. Eu volto quando estiver pronto para voltar.

E que Deus me perdoe, mas como eu me diverti. Enquanto ela permanecia sentada em um apartamento vazio decidindo o curso das nossas vidas, eu me divertia. Bebi muita cerveja, cantei músicas obscenas sobre a filha do prefeito de Bayswater e os cabelos que ela tinha “naquela” região. Tenho só uma vaga lembrança de voltar para o apartamento.

Nunca esquecerei a hora que se seguiu, no entanto.

Atravessei a cozinha, esbarrando na mesa e derrubando as cadeiras. Aquilo levou um minuto.

Pus a chaleira no fogo e esperei do lado até a água ferver. A tarefa demorou três minutos.

Levei o café até a sala e assisti ao fim do jornal da madrugada. Dez minutos.

A cerveja disse para a minha bexiga que precisava sair. Deixei o café de lado e me levantei, devagar, da cadeira. Um minuto.

Ela estava na banheira, havia usado a lâmina de barbear nos pulsos, tornozelos e garganta. Não queria cometer erros. Não era um pedido de socorro, ela tentara isso antes e eu não respondera. Ela tinha passado os últimos quinze minutos morrendo lentamente.

Quando a polícia chegou eu já estava quase sóbrio, mas quando acharam o bilhete que ela deixara e me mostraram, me senti bêbado novamente. Ela estava grávida de três meses.

Dormi na casa de Doug aquela noite. Foi ele que deu um jeito naquele apartamento por mim e me arranhou outro lugar para dormir. Foi ele também em quem me apoiei para evitar os olhos cheios de lágrimas da família de Liz, mas ele não conseguiu me convencer a continuar os estudos.





A estrada a partir dali foi longa e bem trilhada. Fiquei em pé ao lado da janela e deixei a autopiedade tomar conta, arrependimentos de oportunidades e amores perdidos. Ainda estava lá quando o sol começou a nascer.



Era cedo demais para começar as minhas caminhadas pela cidade. Fiz um pouco de café e voltei para o livro de Dunlop. O velho Joe tinha acabado de abrir a loja no andar de baixo, era apenas uma questão de tempo até as notas de “Just One Cornetto” chegarem aos meus ouvidos de novo. Mas o café reavivou meu ânimo e o livro roubou a minha atenção mais uma vez, dessa vez para o Mediterrâneo em um dia de calor escaldante oitenta anos atrás.



Demorou quase duas semanas para que eu visse o árabe novamente, dessa vez em um lugar onde eu nunca o esperaria.

As coisas ficaram bem agitadas depois da descoberta de Johnson. O jovem Campbell e eu havíamos trabalhado sem descanso catalogando sarcófagos, corpos dissecados e mais estátuas de ouro do que até mesmo Carter teria sido capaz de lidar. Johnson, de alguma forma, tinha feito surgir como mágica um grupo enorme de jornalistas. Até mesmo o London Times tinha um representante na escavação.

Johnson estava desesperado para levar os seus “troféus” para Glasgow, alguns itens estavam até mesmo sendo encaixotados enquanto ainda os catalogávamos. Como eu disse, estávamos muito ocupados, demorei algum tempo para perceber que o amuleto que eu vira não estava entre os itens listados. Foi só quando já estávamos a bordo saindo do porto de Alexandria que tive tempo de falar com Johnson.



Ele riu quando perguntei da peça.

— *Ah, não. Não essa. É a minha recompensa pelo meu patronato e a minha promessa para o futuro.*

— *Eu vou te delatar quando chegarmos. — Eu o alertei, sabendo que não passava de uma ameaça vazia. Johnson não iria se importar com as opiniões de um velho arqueólogo. Não quando estava prestes a ser a primeira página dos jornais.*

O jovem Campbell ficou enfurecido quando lhe contei. O encontrei conferindo a grande coleção de serpentes douradas que havíamos achado.

— *Professor, acho que temos algo único aqui. Creio que havia um culto às serpentes. Não apenas isso, acredito que o principal deus deles era de alguma forma uma serpente.*

Precisei concordar com o lad, havia coisas demais entre as encontradas que apontavam naquela direção. Havia uma estátua em particular com uma multidão de cabeças semelhantes a serpentes que me dava calafrios só de pensar nela. Aquele pensamento trouxe junto as imagens das sombras que pareciam seguir o velho Árabe. Conte para Campbell sobre a minha conversa com o nosso patrocinador.

— *Isso não pode ser permitido. — Ele disse, seu rosto vermelho. O hematoma na cabeça só agora começava a sumir, mas ainda havia uma mancha amarela marcando a pele. — O contrato é claro que tudo que for encontrado na escavação é propriedade do museu.*

— *Aye. Mas o que eu posso fazer?*

— *Não se preocupe, Professor. Eu sei o que precisa ser feito.*

Se naquela hora eu o tivesse parado, poderia tê-lo salvado. Mas para ser honesto, não achei que ele tentaria qualquer atitude radical.

Eu subestimara o desejo de vingança causado pelo golpe na cabeça.

Passamos as próximas horas verificando o manifesto e checando se todas as caixas estavam seguras antes de Campbell declarar que estava cansado. Ele saiu

e eu vaguei até a proa para assistir ao pôr do sol e fumar um último cigarro pelo dia.

Havia um leve frescor no ar, uma pequena dica das boas vindas que nos aguardavam em Glasgow. Eu esperava ansiosamente o céu cinza e o chuvisco sem fim. Não conseguia pensar em nada mais agradável do que uma caminhada pelo Parque Kelvingrove na chuva, ao lado da minha amável esposa. Eu já estava naquele devaneio por algum tempo quando ouvi o primeiro berro.

Deixei o cigarro cair e corri para as escadas internas que levavam aos andares inferiores, pulando três degraus de cada vez.

Os gritos vinham das proximidades da minha própria cabine, ficando cada vez mais altos, até que cessaram repentinamente. Fiz uma curva muito acentuada e esbarrei em alguém que vinha da outra direção. Levantamos as nossas cabeças ao mesmo tempo e me peguei encarando os olhos sorridentes do árabe velho. Ele me empurrou para o lado e fugiu correndo. Considerei persegui-lo, mas não me pareceu que ele era a fonte dos gritos, então me virei e segui até as cabines.

A porta da minha cabine estava aberta e Johnson estava de joelhos ao lado de um cadáver. Assim que entrei, ele pegou algo da mão do corpo e escondeu no bolso do paletó, mas não tive tempo de me preocupar com isso.

O jovem Campbell não iria mais ter tempo de provar a sua teoria das serpentes.

Ele jazia em uma pose contorcida e seu corpo parecia estranhamente inchado. Foi apenas quando o virei que puder ver a extensão do dano causado. Ele fora comido por algo com uma mordida muito pequena. Inúmeras mordidas muito pequenas.

Depois de confirmar o óbito do lad, eu soei o alarme. O navio foi revirado, mas nenhum árabe foi encontrado.